

O Sonho antes do fim

Fernando Oliveira Mendes*

Resumo

Assumidamente intertextual, a literatura de Antonio Tabucchi flerta com a vida e a obra de vinte personalidades mundiais, ao reconstruir-lhes os devaneios noturnos, no livro *Sonhos de sonhos*. Dentre estes nomes figura Sigmund Freud, considerado por Tabucchi como autor de textos pertencentes ao território da literatura e não da psicanálise. No presente artigo nos ateremos ao sonho de Freud, mostrando a inovação apresentada pela literatura de Tabucchi no trato do universo onírico.

Palavras-chave: Tabucchi; Literatura; Psicanálise; Intertexto; Sonho

Ao travarmos contato com os livros de Antonio Tabucchi, um dos mais representativos escritores italianos contemporâneos, logo salta aos olhos seu encantador jogo intertextual, onde destacam-se o diálogo com a literatura de Fernando Pessoa e de Luigi Pirandello, no

* Doutorando na Universidade Estadual Paulista.

referente à multiplicidade do ser; as menções a canções populares e a filmes hollywoodianos; além do auxílio das telas de Mantegna, Velasquez e Bosch para ilustrar situações quando palavras mostram-se insuficientes para a tarefa. Tabucchi gosta de afirmar que a literatura é “como um rio que corre no subterrâneo e depois emerge numa certa altura, e a pessoa não sabe o que leva consigo. Por vezes, é impossível se dar conta de um texto, de uma influência que vem de longe, de uma leitura que se fez há anos” (TABUCCHI, 2000, p. 100).

Em inúmeras entrevistas Tabucchi relatou a epifania experimentada, no início dos anos 70, ao ler o poema *Tabacaria*, do heterônimo pessoano Álvaro de Campos. Intrigado pelo título do pequeno volume resolveu comprá-lo numa estação de trens parisiense. Na viagem de regresso para Itália leu, maravilhado, aqueles versos. O trecho inicial, no qual o poeta diz, “Não sou nada./ Nunca serei nada./ Não posso querer ser nada./ À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo” (CAMPOS, 1980, p. 256), serve como epígrafe para toda obra tabucchiana. Ele autoriza o italiano a praticar as mais variadas formas de intertextualidade permitidas por sua criatividade. Tabucchi sabe do fato: afinal alega que o pós-moderno “rompeu com a tradição recuperando a tradição, digamos que parece o resumo de várias formas diferentes” (TABUCCHI, 2001 b, p. 96).

Após ler *Tabacaria*, Tabucchi decidiu estudar a língua na qual o poema foi registrado e traduziu a obra pessoana para o italiano, retirando-a do “túmulo” da língua portuguesa. Com o correr dos anos passou a escrever livros ambientados na pátria do célebre poeta, escalando-o como personagem em certas ocasiões. Portugal, sem dúvida, está escrito em seu código genético, o encontro com a obra do poeta luso, a língua na qual se expressou e o seu país de origem, era só uma questão de tempo.

Afeito a polêmicas Tabucchi suspeita de escritores que proclamam serem livres de influências e provoca-os declarando: “Muitos homens viveram antes de nós, houve muita cultura, lemos muita coisa. Aliás, sou uma pessoa bastante influenciável por aquilo de que gosto” (TABUCCHI, 2000, p. 100). Em meio a este avassalador conteúdo intertextual, existe aquela que, possivelmente, é a menos conhecida das múltiplas facetas da obra tabucchiana: o sonho. Os parcos comentários emitidos pelos críticos literários sobre o assunto, despertaram nosso interesse, levando-nos a eleger o sonho na literatura do autor como tema de nosso estudo. Razões não nos faltam para tal escolha. Uma delas deve-se ao conhecimento de “que, até nos romances mais ancorados no real como *Piazza d'Italia* e *Sostiene Pereira*, o sonho é sempre um elemento determinante na caracterização das personagens, constituindo um lugar onde real e irreal, vigília e sono, verdadeiro e falso se encontram e se misturam” (BRIZIO-SKOV, 1997, p. 73-74). Outra é o fato de Tabucchi haver defendido uma tese abordando o surrealismo luso, unindo dois declarados objetos de seu interesse, a arte criada sob a inspiração dos sonhos e a literatura portuguesa. Com certa dose de exagero ele chegou a declarar, no livro *La parola interditta*, que Pessoa era surrealista na heteronímia, devido, principalmente, a importância do sonho na sua obra poética. Neste artigo, porém, nos limitaremos à análise do sonho criado pelo autor italiano para o psicólogo Sigmund Freud, no livro *Sonhos de sonhos* (1992).

No livro em questão figuram os percursos noturnos de inventores, escritores, pintores e músicos admirados por Tabucchi, começando por Dédalo, passando por Carlo Collodi e Anton Tchekhov, até chegar a Freud. O título adotado por Tabucchi

para seu livro remete ao escolhido por Carlos Drummond de Andrade, em 1951, para nomear seu poema *Sonho de um sonho*, presente no volume *Claro enigma*. A semelhança dos nomes provavelmente deva-se ao fato de Drummond haver sido traduzido para o italiano por Tabucchi, que o considera um dos mais importantes poetas do século XX. No texto o poeta diz que o sonho se forma “do que vigia e fulge/ em cada ardente palavra/ proferida sem malícia,/ aberta como flor/ se entreabre: radiosamente” (DRUMMOND, 1973, p. 172). Nos dois autores o sonho é descrito como um dos acessos possíveis aos acontecimentos bloqueados da consciência.

As personalidades das artes e das ciências que abordaram o universo onírico em seus empreendimentos agora são postas para sonhar em *Sonhos de sonhos*. Por meio de uma nota introdutória, procedimento comumente utilizado nas publicações de Tabucchi, o autor faz a declaração de suas intenções ao escrever o livro:

Muitas vezes fui assaltado pelo desejo de conhecer os sonhos dos artistas que amei. Infelizmente, aqueles de quem falo neste livro não nos deixaram os percursos noturnos de seu espírito. É grande a tentação de corrigir, de algum modo, este fato, pedindo à literatura que reconstitua o que se perdeu. Contudo, me dou conta de que estas narrativas substitutas, que um nostálgico de sonhos desconhecidos tentou imaginar, não passam de pobres suposições, pálidas ilusões, implausíveis artificios. Que como tais sejam lidas, e que as almas dos meus personagens, que agora estão sonhando do Outro Lado, sejam indulgentes com seu pobre pósterio. (TABUCCHI, 1996, p. 11)

No livro Tabucchi sugere que as incertezas e inseguranças projetam-se na escrita. Para comprovar sua hipótese, constrói sonhos, por meio da colagem dos temas obsessivos e da reconstituição do estilo literário dos escritores elencados. Como exemplo tomemos o romancista e poeta Robert Louis Stevenson. Atormentado por terríveis pesadelos na infância, Stevenson resistia ao sono por saber que ele traria o sofrimento. A situação só foi solucionada quando, temendo por sua sanidade, o escritor procurou ajuda médica, passando a gozar de uma existência normal ao beber uma simples poção. A experiência pessoal serviu como inspiração para confecção do romance *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, cujas cenas-chave “foram dadas a Stevenson durante um sonho. Digo ‘dadas’ porque é exatamente assim que Stevenson faz parecer em seu extraordinário ensaio *Um capítulo sobre os sonhos*” (ALVAREZ, 1996, p. 182). No texto escrito por Tabucchi, um Stevenson adolescente sonha ser homem adulto a velejar pelos mares, que ao aportar numa ilha povoada por homens escuros, é conduzido ao cume da montanha local, onde encontra um cofre de prata. Dentro do cofre existe um livro, cujo enredo remete a *A ilha do tesouro*, de autoria de Stevenson, trazendo o nome do escritor escocês estampado na capa.

Num livro anterior, *Os voláteis do beato Angélico* (1987), Tabucchi oferece outra pista para compreensão de seu procedimento em *Sonhos de sonho*

você sabe perfeitamente que em certos casos escrever aos mortos é uma desculpa, é um elementar fato freudiano, porque é a maneira mais rápida de escrever para nós mesmos, e portanto, me desculpe, estou escrevendo para mim mesmo, ainda que talvez, na verdade, esteja escrevendo para a sua memória que tenho dentro de mim, para o rastro que você deixou dentro de mim e, logo, de algum modo, estou escrevendo de verdade para você. (TABUCCHI, 2003, p. 84)

Em *Sonhos de sonhos*, Tabucchi recria os devaneios noturnos de Freud, Stevenson e das demais personalidades selecionadas pelo livro, a partir das impressões deixadas em sua sensibilidade. Nosso acesso a estes sonhos é mediado pela visão que Tabucchi possui da vida pessoal e dos empreendimentos, sejam científicos ou artísticos, destes vinte homens. Sendo que a palavra homens deve ser tomada no seu sentido mais exato, pois não há uma única mulher a figurar no seletivo grupo.

No livro *A infância da arte*, Sarah Kofman afirma que “a arte e o sonho são dois dialetos diferentes, mas não opostos” (KOFMAN, 1996, p. 49). O próprio Tabucchi declarou ter conhecimento do fato ao afirmar que “a literatura é um estado intermediário; nunca é realidade, nunca é sonho” (TABUCCHI, 2001a, p. 8). Por estarem localizadas numa região de fronteira, num entre-lugar, “a arte proporciona ao artista, assim como ao público, um prazer narcísico análogo ao que o sonho dá, com a diferença de que por meio dela pode se tornar universal, graças à identificação” (KOFMAN, 1996, p. 139-140). Isso, de certo modo, autoriza Tabucchi a criar os sonhos alheios.

Resolvemos então analisar o sonho construído para Freud pelo escritor italiano, em *Sonhos de sonhos*, pela possibilidade de interpretar aquele que tão pouco nos informou de sua própria personalidade, julgando-se suficientemente preparado para superar suas ínfimas fraquezas. Tabucchi acredita que os escritos do psicanalista pertencem mais ao território da literatura do que da ciência, como nos informa: “Uma pessoa conta sua história a Freud, e ele, por sua vez, conta a história que lhe foi contada” (TABUCCHI, 2000, p. 102), por essa razão “seus *Casos clínicos* podem ser lidos como engenhosos romances” (TABUCCHI, 1996, p. 94). O próprio Freud declarou que muitos médicos leriam seu relato do caso Dora “não como uma contribuição à psicopatologia das neuroses, mas como um *roman à clef* destinado a seu deleite particular” (FREUD, 1996, p. 20). Estes não são os únicos motivos para classificar os estudos do psicólogo como literatura. Freud foi um pesquisador empenhado em romper o restrito círculo dos leitores de textos científicos, em vista disso, escrevia numa linguagem comum, ainda que literária e culta.

Freud e Tabucchi seriam então colegas no ofício literário. O psicólogo chegou a afirmar que “os sonhos inventados por um escritor são suscetíveis às mesmas interpretações que os sonhos reais” (FREUD, 1997, p. 91). Portanto o sonho imaginado pelo escritor italiano, como o sonho recontado pelo pesquisador austríaco são passíveis de estudo com os mesmos instrumentos de interpretação. Outro ponto unindo o sonho e a escrita de Tabucchi é o processo de condensação operado por eles. Segundo nos relata Freud, “os sonhos são curtos, insuficientes e lacônicos em comparação com a gama e a riqueza dos pensamentos oníricos. Se um sonho for escrito, talvez ocupe meia página” (FREUD, 1987, p. 272). A escrita de Tabucchi da mesma forma é concisa ao retratar a imaginada aventura de Freud. Graças à elaboração de sua prosa, densa e ao mesmo tempo breve, calcada na premissa de que na miniatura de uma única palavra, ocultam-se inúmeras histórias, os acontecimentos relatados por Tabucchi remetem-nos a importantes passagens da existência do pai da psicanálise.

Partamos finalmente para o relato do sonho, para podermos simultaneamente analisá-lo. Na véspera de sua morte, ocorrida em 23 de setembro de 1939, Freud sonhou ter retornado para Áustria. Numa espécie de acerto de contas com a vida, Freud volta a seu país natal. Por ser de origem judia fugiu do nazismo, disseminado no início da segunda guerra mundial, para fixar-se na Inglaterra. Embora tenha nascido

em 1943, no período final do conflito, a segunda grande guerra é “um dos fatos históricos mais presentes nos textos do escritor” (ANDRADE, 2001, p. 166) italiano. Apesar de acusado de panfletário, Tabucchi defende o uso da arte na promoção de avanços sociais, negando-se “a recalcar rapidamente as épocas difíceis, não aceita ser devotado a uma espécie de boa consciência coletiva, perigosa e enganadora” (PEREIRA, 1997, p. 151). Adiante poderemos constatar novamente este comportamento na descrição dos estragos causados pelos bombardeios nos palácios vienenses e na antiga moradia de Freud.

A Freud é conferido um papel de destaque entre os sonhadores. Enquanto os demais são definidos por suas profissões e por uma particularidade de suas personalidades, como o poeta e blasfemador, destinado a Cecco Angioliere, ou o pintor e homem infeliz, reservado para Henri de Toulouse-Latrec, Freud é intitulado apenas como intérprete dos sonhos dos outros. Também é bastante significativo o fato daquele que pouco estudou a si mesmo, embora tenha feito fama ao analisar os outros, ter um sonho registrado, possibilitando sua interpretação. Numa destas ironias da vida, Freud, que optou por não verbalizar os males que lhe afligiam a alma, faleceu consumido por um câncer alojado no céu de sua boca, o aparelho da fala, símbolo “da insuflação da alma” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2001, p. 133).

No sonho o psicanalista projeta-se em Dora, repetindo o procedimento do “engenheiro que se oculta por trás do eu [de Dora] na primeira situação onírica” (FREUD, 1996, p. 104) relatada pela célebre paciente. Freud mantém sua consciência, embora em determinadas situações comporte-se como a jovem moça. Ele simplesmente ocupou-se da aparência de Dora, visto que usa seio postiço e roupas ao estilo dela. Quando procuramos nos informar do significado do símbolo seio, torna-se clara a opção de Tabucchi por caracterizar Freud como Dora somente por meio destes artifícios. Seio “é associado às imagens de intimidade, de oferenda, de dádiva e de refúgio” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2001, p. 809). Compreendemos, portanto, que Freud refugiou-se sob a aparência de Dora, tendo acesso a sua intimidade. Numa primeira impressão parece-nos um despropósito, até lembrarmos que:

A lógica do sonho é uma arqueo-lógica, operando com processos primários que regem o sistema inconsciente. Escrita de antes da linguagem da razão, seu melhor modelo se encontra na escrita artística, ela também irredutível a qualquer outra, obediente a leis estruturais próprias. Há um texto próprio ao sonho como há um próprio à obra de arte, texto simbólico e sintomático de um conflito de forças, cujo equilíbrio é regulado por um acupunturista invisível. (KOFMAN, 1996, p. 41)

Ao cruzar a Rathausstrasse, coberta do pó originado pela destruição de seus palácios, Dora encontra Frau Martha, que avisa-a do retorno do psicólogo a Viena, sugerindo um tratamento. Dora recusa-se, Frau Martha argumenta que ela precisa de um profissional para auxiliá-la na resolução dos problemas e ninguém mais qualificado para a tarefa que Freud, pois “ele compreende tudo das mulheres, às vezes até parece uma mulher de tanto que se identifica com o papel delas” (TABUCCHI, 1996, p. 81). Freud, entretanto, é apontado por seu biógrafo mais confiável como incapaz de “penetrar na sensibilidade de Dora, [indicando] uma falta de empatia que marca a forma como abordou todo caso” (GAY, 1991, p. 236). Freud, por sua vez, alega que Dora sempre se recusara a aceitar orientação médica e só procurou-o por imposição do pai. A fala

construída por Tabucchi, relatando a proximidade de Freud com o meio feminino, além de servir para convencer a paciente, indica a razão de Freud não ser reconhecido quando habita Dora. Sua afinidade com as mulheres é tamanha ao ponto de permitir-lhe experimentar aquilo experimentado por elas, demonstrando que “a arte ocupa uma situação intermediária entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, reconciliando um com o outro” (KOFMAN, 1996, p. 224).

A seguir, Dora retoma seu caminho, sendo interpelada por um atrevido açougueiro, maravilhado pela beleza da moça. Ele diz que Dora necessita de um homem de carne e osso em vez de se apaixonar por fantasias, conforme Freud havia descoberto. Manifesta-se aqui o medo de todo analisando de ver seus segredos revelados em praça pública, assim como o rótulo de fantasista, imposto à garota. Dora era assediada pelo vizinho, com o consentimento do pai, que por sua vez era amante da vizinha. Ele sabia que sua tolerância quanto à aproximação de Herr K. e Dora possibilitaria a continuidade de seu caso extra conjugal com Frau K. Freud nos informa que “os dois homens nunca haviam firmado um pacto formal de que ela fosse tratada como objeto de troca, tanto mais que seu pai teria recuado horrorizado ante tal insinuação.” (FREUD, 1996, p. 42). Dora receava novamente experimentar a pressão de um membro masculino ereto contra seu ventre, como a sentida quando Herr K. apertou-a para mais facilmente alcançar seus lábios. Quando convocado a prestar esclarecimento quanto a seu comportamento, Herr K. alegou que Dora “só mostrava interesse pelos assuntos sexuais, e que até na própria casa dele junto ao lago lera a *Fisiologia do Amor*, de Mantegazza, e livros semelhantes. Provavelmente, excitada por tais leituras, ela teria ‘imaginado’ toda a cena que descrevera” (FREUD, 1996, p. 35). Apesar de esbofetear Herr K., no já referido episódio do lago, Dora ansiava que a proposta de casamento dele fosse verdadeira. A atitude da moça ilustra o acerto de Freud ao declarar que “aquilo que [os acometidos pela neurose] mais intensamente anseiam em suas fantasias é justamente aquilo de que fogem quando lhes é apresentado pela realidade, e com maior gosto se entregam a suas fantasias quando já não precisam temer a realização delas” (FREUD, 1996, p. 106). Para agravar ainda mais o quadro, a certa altura do tratamento o psicanalista descobre que Dora cultivou um sentimento por seu genitor que ultrapassava o amor filial, ao mesmo tempo enamorou-se por Frau K., fascinada pela brancura da pele de sua vizinha. Tais amores foram abalados quando Dora descobre a relação extra conjugal envolvendo o pai e a vizinha. Ocasão em que Herr K. interessa-se por ela, que invoca o pai com a intenção de protegê-la do assédio do vizinho, apesar de desejá-lo.

Voltando ao texto de Tabucchi, Freud revolta-se com a ousadia do açougueiro afinal “ele era um homem absolutamente íntegro, e aquele tipo de fantasias era um problema de crianças ou de perturbados” (TABUCCHI, 1996, p. 82). A afirmação choca-se com a resistência de Freud à análise, por acreditar ser uma pessoa absolutamente normal, livre de qualquer desvio de personalidade. Passada a revolta, Freud age como Dora, em que lisonjeado por ser galanteado pelo comerciante. Segue para sua casa, encontrando-a destruída por uma bomba, restando apenas o divã intacto, sobre o qual repousava um rude homem de tamancos. A cena remete-nos ao segundo sonho de Dora, em que a jovem passeia pelas ruas de uma cidade desconhecida até encontrar sua residência. Ao ser perguntado por que razão estava ali, o homem declara estar à espera do Dr. Freud. Mesmo estando com a aparência de

Dora, o psicanalista afirma ser ele que o paciente procura. Este reage inicialmente com espanto, mas em seguida aceita o fato de Freud ter decidido apossar-se da aparência de uma de suas analisandas, passando a ser Dora. Como ocorre em outros textos escritos por Tabucchi o protagonista do sonho possui “um eu dividido, fragmentado, que se define na pluralidade, na crise, na incerteza, no remorso e não na unidade” (BRIZIO-SKOV, 1997, p. 72). O idiota então diz amar Dora, abraçando-a, enquanto Freud sente um grande desalento e deixa-se cair sobre o divã.

Dora, insistentemente acusada de inventar uma vida afetiva, no sonho de Freud, encontra um parceiro amoroso na pele do rude homem. Desta maneira Freud desfaz-se da frustração originada pelo fato de Dora haver abandonado o tratamento, não lhe permitindo, no curto espaço de três meses encontrar uma solução para o caso. No sonho, ele cura a paciente ao conduzi-la à felicidade. Outra vez mais, cumpre sua missão de libertar as pessoas da infelicidade que as atormenta, ao buscar dentro delas um grânulo escuro que batizou de inconsciente. Tal ocorrência mostra que o sonho é muito mais ligado à pessoa de Freud do que à de sua paciente, pois “sempre que meu próprio ego não aparece no conteúdo do sonho, mas somente alguma pessoa estranha, posso presumir com segurança que meu próprio ego está oculto, por identificação, por trás dessa outra pessoa; posso inserir meu ego no contexto” (FREUD, 1987, p. 308-309).

Se Freud é considerado por Tabucchi como autor de textos que se deslocam do âmbito psicanalítico para o literário, ao não utilizar o habitual jargão científico, em *Sonhos de sonhos*, o escritor italiano também decide trilhar o caminho inverso daquele habitualmente seguido pelos artistas e por ele próprio no seu romance *Requiem*. Ele não busca inspiração no sonho para produzir literatura, mas serve-se da literatura para satisfazer o desejo de conhecer os percursos noturnos de personalidades das artes e das ciências universais. No jogo intertextual instaurado por Tabucchi, “apostado em ‘paradas de reverso’ e em trazer, do imaginário, muitas vozes e caprichos para tornar mais real a realidade que nos é contemporânea” (PIRES, 1994, p. 186), o sonho é a satisfação de um desejo por meio da escritura. Por saber que “a literatura só pode viver se se propõe a objetivos desmesurados, até mesmo para além de suas possibilidades de realização” (CALVINO, 1990, p. 127), Tabucchi aciona a ficção para reconstituir os sonhos perdidos com o falecimento das vinte personalidades elencadas pelo livro. Para tanto, dispensa os artifícios propostos pela canção chinesa, usada a guisa de epígrafe de *Sonhos de sonhos*, limita-se a utilizar a literatura para desassossegar as consciências humanas.

Para Cláudia Minako Morita

Abstract

Clearly intertextual, Antonio Tabucchi's literature flirts with the life and the work of twenty personalities, reconstructing their dreams in his book *Sonhos de sonhos*. Among them, there is Sigmund Freud who is considered by Tabucchi as an author whose texts belong to the field of literature rather than to psychoanalysis. In this article, we work particularly with Freud's dream, showing up the innovation presented by Tabucchi's literature in relation to the universe of dreams.

Key words: Tabucchi; Literature; Psychology; Dreams

Referências Bibliográficas

- ALVAREZ, A. Stevenson e os duendes. In: ALVAREZ, A. Noite: a vida noturna, a linguagem da noite, o sono e os sonhos. Tradução de Luiz Bernardo Pericás e Bernardo Pericás Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 179-187.
- ANDRADE, Carlos Drummond. Reunião. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.
- ANDRADE, Cátia Inês Negrão Berliini de. Olhares sobre o contemporâneo: o universo narrativo de Antonio Tabucchi. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2001.
- BRIZIO-SKOV, Flavia. Tabucchi: últimos desenvolvimentos da crítica. **La ricerca**, Araraquara, nº 12, p. 69-72, 1997.
- CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPOS, Álvaro de. Tabacaria. In: PESSOA, Fernando. O Eu profundo e outros Eus. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 256-261.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Tradução coordenada por Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. VII.
- FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1997. Vol. XX.
- GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- KOFMAN, Sarah. **A infância da arte**. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- PEREIRA, David J. Afirma Tabucchi: reflexões sobre *Afirma Pereira* de Antonio Tabucchi. In: IANNONE, Carlos Alberto; GOBBI, Márcia Zamboni; JUNQUEIRA, Renata Soares (orgs.) **Portugal em foco**. Araraquara: Centro de Estudos Portugueses "Jorge de Sena", 1997. p. 145-151.
- PIRES, José Cardoso. Tabucchi por Cardoso Pires. In:_____. **A cavalo no diabo**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1994. p. 185-188.
- TABUCCHI, Antonio. **Sonhos de sonhos**. Tradução de Raquel Gutiérrez. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- TABUCCHI, Antonio. Os muitos eus de Antonio Tabucchi. (Entrevista concedida a Fernando Eichenberg) **Bravo!**, São Paulo, nº 29, p. 98-104, fev 2000.
- TABUCCHI, Antonio. Pessoa pode não ter existido, diz Tabucchi. (Entrevista concedida a Cynara Menezes) **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 out 2001a. Ilustrada, p. 8.
- TABUCCHI, Antonio. **Requiem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001b.
- TABUCCHI, Antonio. **Os voláteis do beato Angélico**. Tradução de Ana Lúcia Belardinelli. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.